



Voz da Liderança

Entrevista com a liderança Guiu Pataxó sobre a sua presença na universidade.

Quais os desafios que vocês lideranças indígenas enfrentam aqui na UFMG, nas tomadas de decisões sobre o curso FIEI e até mesmo sobre nós estudantes?

Nós procuramos nos entender da melhor forma possível. O aluno indígena antes de vir para a Universidade, tem que assinar um termo de compromisso baseado na declaração do cacique juntamente com mais três lideranças. A gente acredita muito no aluno que vem para a UFMG se qualificar. No Colegiado, tomamos decisões coletivas com as demais lideranças juntamente com os professores do FIEI.

Você vê alguma diferença entre ser liderança aqui, no curso para Educadores Indígenas da UFMG, e ser liderança na aldeia?

Não vejo diferença, acho que uma vez liderança, ele é sempre liderança. E como liderança, é o nosso papel e a nossa obrigação estarmos juntos com vocês e não vejo nenhuma dificuldade.

Que contribuição você acha que um estudante indígena que se forma no curso FIEI pode oferecer nas demandas de nossas comunidades?

O aluno pode contribuir muito na educação e também em outras demandas da comunidade, pois tenho certeza que ele se qualificou da melhor forma.

Por Zilda Pataxó

Poema

FIEI um curso importante na UFMG
Ajuda os povos indígenas
Ensinar e aprender
As vezes a nossa linguagem
E o nosso modo de viver

Nossa língua é importante
É parte da identidade
Professora Teca falou
Que o jeito de olhar também é linguagem

Não importa a etnia
Respeitamos a diversidade
Vivendo nossa cultura
Dentro da universidade

Queria escrever uma coisa
Mas não quero me alongar
O que aprendemos aqui
Nas aldeias vamos ensinar
Respeitamos nossos costumes
E as tradições do nosso lugar

Autora: Luza Xakriabá



Xakriabá



FIEI forma primeira turma em Matemática

No mês de setembro dia 26 sexta-feira, na Reitoria no campus Pampulha, acontece a formatura da primeira turma de matemática do curso FIEI, habilitação matemática 2014. Sendo 31 formandos, 09 Pataxó e 22 Xakriabá.

Um dos formandos Alex Pataxó (Murukurunã) da Aldeia Barra Velha- Porto Seguro-BA fala da emoção de estar concluindo o curso. “É um orgulho muito grande ter participado deste imenso nível de aprendizado numa universidade federal. A experiência que eu tive durante o curso vou levando, quanto a forma de ensinar para os meus alunos eu tenho certeza que está sendo muito gratificante e enriquecedor para minha comunidade”, declara.

Segundo a coordenadora e professora do curso FIEI, habilitação Matemática, Vanessa Sena Tomas: “O mais importante é ter a possibilidade das comunidades terem professores com uma formação universitária e em condições de ocupar espaços que antes não eram ocupados pelos indígenas”. A professora deixa também uma mensagem para os formandos: “Que eles tenham muita confiança pois tenho certeza que eles tiveram uma boa formação, não porque nós demos essa formação e sim porque eles construíram um caminho muito sólido.”

Leidiane da Silva Souza



Txihí Pataxó
Tanawara Pataxó



Ôté omhá, Patxioba, Mrmezé, Nhemombe'ú



Solenidade

Formatura na área de Matemática do curso FIEI

Troca de conhecimentos

Cobertura do Seminário temático Políticas Lingüísticas - Alunos e professores põem em praticas oficinas interculturais em diferentes espaços da UFMG

Entrevista

Clarisse Alvarenga:
A importância do cinema para os educadores indígenas

Editorial

Esta experiência de conhecimento em introdução ao jornal foi bastante relevante, pois foi possível entender e participar do processo completo de produção de um jornal. O mesmo tem um papel importantíssimo de informação à sociedade dos acontecimentos locais, regionais, nacionais e globais.

Neste caso, focalizamos o II Seminário Temático, cujo tema “Políticas Linguísticas” integra as atividades do Curso de Formação para Educadores Indígena, da Faculdade de Educação da UFMG (FIEI-FAE-UFMG). O Seminário focalizou questões como diversidade das línguas indígenas, promoção e revitalização linguística, ensino das línguas indígenas no contexto escolar, além das línguas indígenas em uso nas artes verbais - seja nos cantos, narrativas ou outras expressões poéticas -, no cinema e em práticas socioculturais variadas. Compreende-se o conceito de língua como discurso em que se constroem e se recriam percepções e conhecimentos de mundo. Memórias, ancestralidades. Desse modo, a própria língua portuguesa, compreendida em sua diversidade, torna-se uma instância para inscrições de matizes e identidades indígenas.

No Seminário, estudantes, professores, lideranças e sábios indígenas apresentaram experiências, discussões e práticas diversas acerca do tema “políticas linguísticas”, em mesas redondas, exposições, rodas de conversas e oficinas.

O jornal recebeu o nome de **O Língua**, porque, segundo os anciões indígenas, os índios que se comunicavam na aldeia em mais de uma língua eram chamados por esse nome. E, para complementar, usamos palavras que signifiquem ou remetam às ideias de “comunicação, informação ou expressão”, na língua indígena de cada povo presente no curso FIEI: Maxakali, Pataxó, Xakriabá e Guarani. Já a língua Pankararu não foi incluída porque essa palavra ainda está em processo de estudo no seu vocabulário.

Expediente

Editor: Emanilson Pataxó (Wyri)

Diagramação: Karkaju Pataxó

Reportagem: Zilda Pataxó, Leidiane Pataxó (Sirê Mayô), Vanderlei Guarani, Tary Pataxó

Fotografia: Vanderlei, Zilda, Ibui Souza, Henrique Teixeira

Jornal produzido durante a oficina de Introdução ao jornal, atividade do Seminário “Políticas Linguísticas” do Curso de Formação Para Educadores Indígenas FIEI, sob orientação do setor de jornalismo do Ceale/FAE/UFMG.

Aprendizados em sete modalidades

Nas oficinas realizadas durante o Seminário Temático: Políticas linguísticas, que aconteceram entre os dias 22 e 25 de setembro, foram abordados linguagens e temas variados.

Confiras a cobertura fotográfica:

- Cerâmica indígena.
- Artes visuais.
- Construção de material didático para o ensino nas Escolas das aldeias.
- Fotografia
- Jogos e Brincadeiras.
- Introdução de vídeos.
- Introdução ao jornal.

Vanderlei da Silva (Weraxunu) Guarani



Entrevista: Clarisse Alvarenga

Após participar de mesa redonda no Seminário Políticas Linguísticas, Clarisse Alvarenga conversou com o repórter Tary Pataxó.

Como você vê as produções audiovisuais indígenas no cenário nacional?

Eu acho que o cinema indígena foi super importante para o cinema brasileiro, e contemporaneamente, acho que se tornou ainda mais importante, porque é exatamente o cinema indígena, ou também o cinema indigenista, que nos mostra que a nossa sociedade é inter-étnica, é uma sociedade em que várias culturas se encontram, e não uma sociedade somente branca, e isso faz com que a sociedade brasileira se torne ainda mais plural.

Há possibilidade de ensinar uma cultura através do cinema?

Acho que sim. Tendo como base o que o Takumã falou hoje sobre a experiência Kuikuro, vejo que o cinema entra como um fator importante na documentação que os próprios Kuikuro fazem dos rituais, das falas, da língua e do canto deles

próprios, e isso é um material importante para que eles próprios consigam transmitir a cultura para as próximas gerações.

Qual a função do cineasta hoje dentro das instituições de ensino?

O cineasta é uma pessoa importante dentro da escola, por exemplo, porque ele pode usar o cinema exatamente como um meio para os alunos conhecerem a própria cultura, tomarem contato com ela, fazendo com que eles pesquisem sobre os rituais com os mais velhos, escutem os cantos, observem as brincadeiras e registrem. Isso certamente vai revitalizar a sua cultura.



O contato com o cineasta indígena ajuda no seu processo de ensino?

Eu estou aprendendo com o cinema indígena, a forma como eles filmam as suas tradições, sua cultura, como eles se endereçam e mesmo para poder apresentar essa cultura para os brancos. Eu acho que existe um saber sendo produzido. A forma como eles estão usando isso para registrar as suas culturas ainda não foi usada, ela está sendo usada agora desse jeito, e a gente está aprendendo com os cineastas indígenas uma nova forma de usar o cinema.

Há diferenças entre um cineasta indígena e um não indígena? O que diferencia um do outro?

A diferença é que o cineasta indígena tem uma preocupação de sempre fazer uma tradução da cultura dele para o branco, ao passo que o branco não pensa nisso. E esse, eu acho, que é o grande ganho que o cinema indígena nos traz, porque ele mostra essa possibilidade do cinema estabelecer pontes entre duas culturas.